

Na Alemanha, a legitimação histórico-filosófica da arte real deu-se por uma transformação da *Theodizee* de Leibniz. Os maçons, verdadeiros iniciados, aparecem no lugar de Deus. Assim como Deus só age de “maneira oculta”, pois como diz Leibniz¹⁵ “fornece ser, força, vida e razão, sem deixar-se perceber”, os irmãos das lojas também têm que encobrir seu segredo, pois na opacidade de seus planos reside a bondade, a sabedoria e o sucesso do Grande Projeto.¹⁶ Para Leibniz, o mundo, tal como existe, era o melhor dos mundos; para os maçons, o mundo só se torna o melhor dos mundos possíveis no momento em que se distinguem dele pelo segredo, para dirigi-lo a partir da câmara secreta do foro interior moral. A teodicéia racional e teológica de Leibniz converte-se em uma justificativa racional e histórico-filosófica do novo homem, o “Deus da Terra” que quer dirigir a história. De agora em diante, cabe à ordem dos maçons fazer com que a harmonia do universo reine realmente sobre a Terra.

No documento de 1742, os maçons ainda hesitavam em apreender totalmente a história e determinar ilimitadamente o futuro. Os iluminados, no entanto, já tinham identificado o curso da história e seus próprios planos, desejos e esperanças. A legitimação pela filosofia da história era um elemento, talvez o mais importante, do Grande Projeto. Eles o conceberam e compuseram a partir de idéias rousseauianas da natureza, de um cristianismo moralizado e de idéias correntes sobre o progresso. O pro-